

## REALOCAÇÃO NA AUSÊNCIA: DISCURSO E MORTE NA INTELECTUALIDADE

### MOSSOROENSE NO SÉCULO XX.

TÁSSIO FELIPE SILVESTRE CASTRO\*

#### 1. - Atitudes diante da morte: reflexões historiográficas

O corpo social deseja, por temporalizações a fio, se sentir imortal. Mas não existe ação concreta que transforme o seu viver em algo eterno. As lutas incansáveis contra as ações do tempo fizeram a sociedade ocidental criar utensílios perspicazes e sutis capazes de burlar um sistema cíclico infundável. Para compreender esse tipo de ressalva – e como o processo histórico levou a tal configuração - deve-se sempre ter em mente as apropriações da divisão estritamente organizada das atitudes a cerca da morte.

Segundo Phillippe Ariès, a Morte pode ser observada a partir de quatro principais modelos categóricos aplicados de forma simultânea e não, como se pretende imaginar, um padrão sobrepondo-se a outro.

O primeiro quadro Philippe Ariès classificou de Morte Domada e possui tal denominação, pois as ações do homem permanecem sobrepostas aos investidas fúnebres. O moribundo aceita sua intervenção e compreende que a morte está lá para ser controlada. O homem do início do medievo francês sabe de seu destino e não pretende fugir.

A partir dessa sujeição à morte ao mesmo tempo em que se adentra o “perigo” sempre presente, observa-se algumas particularidades em formação.

É nesse momento que se observa o desenrolar do segundo ponto: morte de si mesmo.

A representação do Juízo Final torna prática uma individualização na relação dos mortos com os vivos que não parecia existir no início da Idade Média. Com essa mentalidade percebe-se, finalmente, uma transformação de algumas práticas fúnebres. O espaço trabalhado pelo juízo final agora se caracteriza no quarto do moribundo. O julgamento não pretende-se no fim dos tempos, mas no leito individual, destacando uma memória mais pessoal sobre o fato.

---

\* Graduado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN.

O terceiro ponto a ser trabalhado parte da formação desta identidade pessoal. O morto enclausurado na sua própria lamentação e amarrado ao seu destino imutável traduz ao testamento suas vontades mórbidas. Último impulso consciente sobre aquele mundo em uma tentativa de controlar o destino dos vivos. É a legitimação o principal papel do testamento, fazendo-se obrigado o cumprimento de suas idéias, opiniões, afinidades emocionais e transmissão de fortunas.

As relações íntimas do sujeito em seu leito de morte não apareciam, para Philippe Ariès, nas linhas escritas do testamento, mas é importante explicar que as obrigações sociais, a ornamentação do funeral e até muitas das revelações finais constituíam entre as lamentações e os pedidos de perdão, o espaço antes negligenciado pela coletividade.

É nesse momento que a morte passa a ser trabalhada entre palavras distantes. Pela escrita o morrer transforma-se em um verbo selvagem, cheio de subjetividade, escondido pelas sombras das palavras de fantasia e sentimentos. A morte é romanceada e tratada como um acontecimento que, mesmo quando está além das perguntas e compreensão, é tida como salvação e regozijo sobre os males do mundo material.

Um das mais perceptíveis transformações sobre a morte no século XIX está na inscrição do medo há muito negligenciado pelas relações familiares.

O medo aplicado pelos e sobre os humanos consegue ser lido em toda a sua complexidade. Nasce da extensão instintiva animal, do pavor único de ser destruído. Cria laços rígidos, repletos de ramificações. Linhas finas e fortes onde o medo se solidifica como prática. Esse tronco comum é o que pode ser chamado de medo natural – aquele existente em todos os seres.

Colocado o medo natural em cheque analítico a pesquisa se limitaria aos reflexos apressados do pavor. Contra este medo luta-se, sendo racional ou não, mas nada se permite fazer a respeito.

O que está sendo mostrado é a via comum do instinto. As ramificações desta são os pontos fundamentais para a compreensão pragmática de um medo, não só natural, mas cultural, essencialmente humano. O medo aqui utilizado, gira em torno da consciência – aparentemente exclusiva dos humanos – sobre o abate tão esperado por todos. Não se possuindo mínima habilidade de enfrentá-lo veemente ou ignorá-lo, o medo faz surgir, à luz da insegurança, diversas minúcias de saber.

Quando se aplica às sociedades um sistema abstrato aparentemente tão simples e rústico (como é o medo da morte), este se transforma. Absorve as características da diversidade cultural, tornando-se práticas e representações. Sai da circularidade do instinto para a multiplicidade do medo.

O saber sobre a morte, a certeza de sua prática sobre os vivos e a normalização da finitude, colocam no ápice de todos os pedestais o sentimento ainda mal estruturado de fuga.

É justamente esse tipo de articulação que se propaga dentro da pesquisa em questão.

## **2. O medo da morte e o trato com as doenças no século XX no jornal *O Mossoroense*.**

Dentro do círculo desenvolvido na cidade de Mossoró no século XX, um padrão se constitui como comportamento diante da morte. Este é típico de um grupo regido pela posição defensiva.

Se nos anos 80 e 90 do século XIX havia uma respeitabilidade baseada na proposta coletiva de cunho estritamente religioso, no início do século XX, a repulsa para evitar e não para entender representa o eixo central das atitudes diante da morte.

Os jornalistas responsáveis pela disseminação das opiniões em Mossoró aplicam o discurso higienista, acusando os malefícios existentes no perímetro urbano e o descaso com a saúde que se pautava em um discurso bem articulado sobre as doenças e sua relação com os ares ruins.

Exemplo disso são as doenças como a varíola. Esta assolou a cidade na virada do século XIX e promoveu uma propaganda bem desenvolvida nas páginas do jornal. Mas essa propaganda foi diferente em dois momentos. No primeiro (1872 a 1903) percebe-se uma verdadeira aproximação na notícia dada à condição dos atingidos pela moléstia.

Já no segundo momento das notícias sobre a varíola, quando essa doença voltou a ser protagonista de preocupações, percebe-se um trato mais neutro sobre o que se relatava.

Em 1905 o que se discutia era sobre a vacina contra a varíola e a impiedosa onda de mortes causadas por ela. Era uma preocupação latente sobre aquilo que ainda se podia fazer frente.

Esse novo uso dos discursos sobre os elementos que norteavam o fim da vida ganha espaço com as notícias sobre doenças epidêmicas e com a fome e formam motivos para alimentar as

atitudes diante da morte no norte do Brasil na passagem do século XIX para o XX. Mossoró estava nesse círculo e muitos de seus habitantes foram levados por essas condições.

Já não era sem tempo quando Mossoró finalmente se alertou dos males higiênicos e usou da imprensa para legitimar o discurso científico. Ora, depois de perceber a eficácia das atividades dos médicos brasileiros – aqueles formados sob a égide da temática progressista da Europa – se firmou em todo o território nacional a imagem da urbanização contra a salubridade<sup>2</sup>. Os resquícios que em Mossoró foram firmados sobre essa produção imagética tão logo se apresentavam nas páginas do jornal O Mossoroense do século XX. As mudanças mais significativas sobre o trato com a morte e seus respectivos elementos (as doenças) eram percebidas nas tentativas de neutralização das notícias<sup>3</sup> somada à reforma na estrutura do jornal.

O que ficava concretizado sobre essa mudança era como a medicina influenciava no trato com as doenças e como essas atitudes abarcavam as práticas diante da morte em Mossoró. O homem jogava, enquanto podia, a morte para os mais distantes lugares. Depois que este conseguiu firmar sua posição entre linhas desenhadas na literatura contra seus malefícios, decidiu atacá-la de forma indireta, atingindo as doenças.

A mecanização das notas de falecimento é fruto de uma racionalização baseada na cientificidade. Da mesma raiz percebe-se a preocupação em ampliar os cuidados, de forma geral, com a cidade. Para tentar diminuir o surto de doenças apela-se à higiene de todo o círculo urbano.

Em suma o Homem transformava todo o seu círculo de práticas com o objetivo de firmar em bases rígidas aquilo que antes era imaginário. Se antes (século XIX) o mossoroense, representado pelas linhas do jornal, tinha medo da dor causada pela morte e abrangia sua tristeza ao ler o jornal, é a partir do século XX que suas práticas concretizam a rigidez de suas crenças na força do médico. Todo o tema abordado pelo jornal, principalmente quando este faz parecer necessário essa luta

---

<sup>2</sup> O Brasil estava inserido nas práticas da medicina preventiva onde se observava uma tendência participativa dos médicos no cotidiano das cidades. Elas precisavam respirar. (REIS, 1991)

<sup>3</sup> Sempre interessante observar esse paradoxo comportamental na imprensa mossoroense. Se na primeira fase do jornal existia uma respeitabilidade com a morte, na segunda se buscava neutralidade. As notas de falecimento não mais apresentavam uma tentativa de apaziguar o mal irremediável, mas somente mostravam números. E era muito comum ver, a partir de 1905, inúmeras propagandas dos remédios utilizados na época.

interminável contra todas as doenças que aparecem e apresentando espaço suficiente em suas páginas para tratar delas, reflete as atitudes diante do morrer.

### 3. Discurso de fuga: o médico e os monstros

Pode se dizer, sem necessidade de contornos, que existia em Mossoró um discurso caracterizado pela disseminação da imagem médica como representante ímpar do pensamento racional. Pensamento responsável por negligenciar a condição da morte como fim irremediável e incontestável, sendo a partir do discurso sobre as doenças e suas respectivas curas, possível burlar o sistema infalível.

Surge então a figura do médico como um salvador frente aos oprimidos pelas doenças. A nova conduta da morte era estruturada em esquemas mecânicos e rígidos demais para ser romanceados. Foi exatamente nesse espaço de criação de novas representações que a morte se manteve no cotidiano dos mossoroenses.

Levando em consideração as opiniões veiculadas no jornal *O Mossoroense*, entre os anos de 1872 a 1922, pode-se perceber que a subjetividade das notícias cria uma circularidade entre o público leitor cujas idéias, vindas de cima para baixo, estão relacionadas às atitudes específicas diante da morte. Neste caso, a representação acerca da imagem do herói é o exemplo que traça a linha de continuidade entre as atitudes dos vivos diante do problema trazido pelo não prosseguimento da vida. A imagem do médico, construída entre os séculos XVII a XIX e fixando-se no século XX, é racionalmente salvadora e coloca em prática outro saber.

A partir desse eixo que a morte será temática, não mais pela tristeza arrebatadora, mas pelo silêncio. Irremediável e perigoso, o discurso sobre a morte se materializa no texto jornalístico como algo capaz de problematizar o curso natural daquilo que nomeou de vida - prática que se apresenta nas ações do outro, pois não existe a mínima possibilidade de se escrever sobre a morte por experiência. Tudo que circula ao redor dela foi pensado a partir de terceiros, vivida por outros.

A morte, portanto, não consegue ser. Ela não é, senão representação. É prática de uma fala que se passa entre a atividade exercida e o retorno recebido. A morte é voz média. Passa pela

inteligibilidade da esfera social e jaz como sua ínfima característica. Lápides, estátuas, quadros, literatura, arte representativa, são produzidas como reflexões das experiências do indivíduo. Realocações da memória e seus esquecimentos.

Sendo assim, a morte é produção a partir de impressões. É uma “poética da ausência” (CATROGA, 1999:7-37). Todavia, as doenças são causas objetivas, catalogadas. Enfrentá-las é o modo para atingir a morte. Somado a essa palpável habilidade a se fazer frente tem-se a imagética íntegra do cavaleiro branco que, defendendo da vil investida cadavérica do tempo, pinta-se em destaque no panorama das repetições qualificativas do indivíduo.

Tem-se em Mossoró, o médico.

O jornal *O Mossoroense* publicou em inúmeras edições notas sobre “mortos ilustres” entre elas o médico Francisco Pinheiro de Almeida Castro<sup>4</sup>. Sobre a bondade específica do médico, Vingt-un Rosado destacava que “este possuía uma clínica desde 1906 e aceitava chamados de qualquer parte, sendo as receitas feitas sem remuneração para os necessitados” (ROSADO, 1999:128). Ainda Vingt-un em tópico especial apresenta o posicionamento do médico diante das adversidades profissionais e sociais. Segundo ele, aquele médico era um “profissional competente de tão larga visão que, em face das circunstâncias, podendo ter enriquecido, até a opulência, preferiu criar a sua vasta clientela, um verdadeiro império de dedicações e reconhecimento”. (ROSADO, 1999:127)

As repetições sobre o caráter da medicina e médico, inseridas na imagem do Almeida Castro se entrelaçavam firmando um quadro extremamente positivo. Tal conduta demonstrava perfeitamente como a relação simples de poder inserido nesse momento tem caráter propulsor para a formação de níveis de representação e prática.

O poder exercido pela imagética da área da saúde parece enaltecer a ótica de responsabilidade entre o médico e seus dependentes. As ações representavam poder e isso se materializava para distribuir novos discursos.

O controle de epidemias, por exemplo, legitimava o encaixe de relações.



Doenças que afligiam a região do Rio Grande do Norte, em cidades como Assu, Areia Branca, Macau e Mossoró, eram assistidas por Dr. Almeida Castro. Locomoções para “amenizar o sofrimento” das pessoas atingidas pela febre amarela no litoral faziam parte do ofício desse homem. (ROSADO, 1999:127)

Em Areia Branca, Dr. Almeida Castro toma uma série de medidas profiláticas no intuito de combater a febre amarela.

[...] Visitou todos os doentes, autorizou desinfecção, limpezas de ruas, quintais e praias. Mandou aterrar pântanos, removeu doentes, mandou incinerar casebres considerados focos de infecção, proibiu enterramento no cemitério, elogia o seu preposto farmacêutico José Gonçalves Rolim que diariamente visitava todos os doentes em tratamento, comunicando por telegrama o andamento das providências, aplicando os medicamentos que ele prescrevia.

[...] Dr. Castro solicitou ao governador do Estado a vinda de um bacteriologista para proceder ao exame micrográfico dos diversos doentes.

O Dr. Godoy, Médico Bacteriologista chegado do Rio aguardava a “passagem do primeiro costeiro” que o levará a Areia Branca. (ROSADO, 1999:101)

Ajudava o bacteriologista (em Areia Branca) a eliminar a epidemia por meio de ações como proibir a entrada de externos na cidade. Quando percebeu que era seguro, liberou o porto novamente e afirmou que o estado sanitário era “o melhor possível, mau grado o intenso calor da presente estação e da inconstância do vento nordeste, cuja ação benéfica nos garante a habitual salubridade de nossos longos ardentes verões tropicais.” (ROSADO, 1999:101)

Poder sendo exercido na mentalidade.

Em 1908, Almeida Castro apresenta um artigo no jornal O Mossoroense, intitulado O Minotauro, retratando as dores infortúnios sofridos pela região. Para ele a seca e a varíola aplicam neste espaço as vítimas.

Correm os tempos, sucedem-se os anos, repete-se o flagelo e cada vez que o sol, inexorável do alto azul muito límpido torra os campos e seca os bebedouros, o sertanejo vê, desconsolado a miséria bater-lhe a porta, ouve o mugido agônico da última vez esqualida, sente a fome invadir-lhe ao lar e abandonado, isolado lança o último olhar as terras hostis[...] (ROSADO, 1999:95)

---

<sup>4</sup> Almeida Castro era filho do Coronel Inácio Pinto de Almeida Castro e de Dona Maria Joaquina de Almeida Castro, cearense, 1858. Graduou-se pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1880 e muda-se para Mossoró em 1881 onde permanece até seu falecimento, 1922. (ROSADO, 1999: 126)

O médico, personalizado no Dr. Almeida Castro, é a salvação mais sensata a ser seguida, por intelectuais ou consumidores desse jornal. As opiniões provocam efeitos benéficos para esse tipo de herói.

Unindo todos esses pontos de absorção de cultura é que finalmente se pode compreender a amostra que a repercussão da imagem desse médico se concretiza caracterizada por uma fixação quase monumental do homem Almeida Castro. Não foram poucos que escreveram e o número não foi mínimo para os que receberam os cuidados devidos do médico. Homens protegidos não só por seus medicamentos, mas pela força da imagem que rodeava o herói.

Essa imagem responde o porquê de tanta repercussão com o fim de sua vida. E fim da vida é o que se corresponde a articulação desse trabalho.

Como já mencionado, as particularidades da morte refletem ações inseridas em terceiros. Sentir a morte é algo que só pode ser analisado e explicado pelos que observam o morto. Ou seja, por aqueles que ritualizam e que transformam bens materiais em significação de representatividade.

O meio mais coerente de se desenvolver uma vitória acima da morte, no meio subjetivo da abstração, e de se criar capilares contra o medo é imortalizando o personagem.

O mártir é conceito efetivo a favor do discurso de fuga. É arma estratégica da luta de concepções humanas sobre si mesmo. Enaltece-se o indivíduo para destacar o clímax de uma determinada sociedade local, contextualizada na rede de micro discursos. No caso do Dr. Almeida Castro, sua morte catalisou forças para a fala contra a morte.

O Nordeste noticia:

Dolorosa, comovedora, foi a triste nova que na manhã de quinta-feira percorreu, célere, a cidade, ao despertar:

É que nesse dia, pelas 05 horas da madrugada, expirava o último suspiro no seu leito de dor, inesquecível amigo, amigo do povo, numa afeição de 40 anos de clínica, o ilustre médico Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro. (ROSADO, 1999: 32)

Lauro da Escóssia apresenta em 1958, curto depoimento da morte do médico. Retira-se um fato importante no que concerne a postura sobre a morte.



A morte o alcançou em pleno exercício do mandato, três meses após sua retumbante vitória e conseqüente posse.

Naquele dia tétrico, de 22 de junho de 1922, Almeida Castro fechava os olhos à existência na mansão em meio do convívio desta boa gente. (ROSADO, 1999:65)

A nota faz perceber a tentativa de apresentar proximidade com seu sofrimento. Deveria ser passado aos outros, ser sentido. Esses mesmos outros estavam responsáveis pela perpetuação de sua memória. Eram responsáveis pela perpetuação da imagem do vivo e substituir a sombra da morte pelo monumento e pela homenagem.

Esse tipo de notícia faz surgir novos discursos, quando modelados, encaixam com o contexto do morto. Uma pequena reviravolta nos blocos dos pensamentos daqueles que mantinham o poder de suas palavras inseridos nos meios de comunicação, principalmente no jornal *O Mossoroense*, caracteriza esse momento de tristeza para o povo da região, principalmente Mossoró.

Difícil tentar lidar com o terreno movediço da absorção completa da produção do jornal da cidade, mas é sabido, mesmo pelas falas terceirizadas, como o médico foi recebido quando vivo. Os elementos fúnebres refletem o brilho de sua imagem. Como já dito, o que se fixou como resultado foi uma homenagem ao morto. Lauro da Escóssia continua:

Por sua morte, dentro dos parcos limites de nossa pujança jornalística seu nome continuará lembrado nestas páginas, como hoje o fazemos, num reconhecimento á aquela sua lucidez de homem público, aliada a uma inteligência aprimorada a quem a história reserva lugar privilegiado em seus fatos. (ROSADO, 1999: 66)

Essa nota circulou 36 anos após a morte do médico. Após falas como essa, materializado em escritas como essa, é colocada em pauta a necessidade de se substituir de vez a personalidade da morte. Retirar do cenário aquele peso mórbido caracterizado pelo trabalho de luto e deixar somente a fabricação da memória. Para exemplificar esse tipo de atitude diante o fim da vida, deve-se observar duas notas localizadas em diferentes momentos históricos, mas que possuem o mesmo objetivo fundamental: amparar o culto do indivíduo que, além de se encontrar dentro dos parâmetros mais nobres de salvação estava sendo enaltecido pelas suas ações enquanto cidadão que se preocupava com a condição do doente.

Raimundo Soares de Brito publica em 1926 no jornal O Mossoroense o seguinte comentário:

[...] O Cidadão Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins, Presidente da Intendência Municipal de Mossoró, na forma de lei, etc.

Fazer saber que, a Intendência Municipal em sessão ordinária realizada no em 24 do corrente, decretou e ele promulga a seguinte lei:

Art. 1º - Fica o Presidente da Intendência autorizado a mandar executar ampliação do retrato do Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, afim de ser inaugurado no dia 22 de junho próximo, data quarto aniversário do seu falecimento, no salão dos trabalhos desta Intendência.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

Intendência Municipal de Mossoró, em 25 de Março de 1926.

Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins – Presidente da Intendência.

Francisco das Chagas Albuquerque – Secretário (ROSADO, 1999: 38)

A homenagem para suprir o espaço corroído pela morte está pronta para ser efetuada. A força com que uma lei é vista pelos cidadãos prova o quanto existia a preocupação com a perpetuação da imagem a ser representada.

Para finalizar os exemplos da eliminação pela força do discurso e monumentos (não mais pelo medo), deve ser feita uma observação no escrito feito por João Batista Cascudo Rodrigues que carregava em seu título o peso da substituição, “Almeida Castro e a posteridade” e simbolizou a mais próspera homenagem ao homem que concentrou em si o peso do imaginário de sua época. Segundo o autor:

Dentre alguns elementos de documentação em termos de elaboração do registro da vida de quem foi tido como “o chefe político mais democrático de Mossoró”, uma imagem de constância inalterável atrairia em seu torno outros homens e fatos diversos, na continuidade de dias sucessivos e ligados à larga movimentação do cenário social da cidade cheia de uma nova pragmática pluralística. (ROSADO, 1999: 80)

E ainda mais brilhante elemento desse importantíssimo texto, em combinação com os dizeres de Raimundo Nonato da Silva em 1934:

É preciso dar uma história ao monumento. Colocar uma placa nominativa na estátua do Dr. Almeida Castro, que ainda continua sem batismo e sem nome, meio à contemplação da antiga Praça 06 de Janeiro e a curiosidade dos estranhos, que passando por ali, param e perguntam:

Quem foi este homem? (ROSADO, 1999: 80)

Terminando finalmente com a resposta que contempla justamente a estrutura base mais sofisticada dessa verdadeira construção imagética do herói na medicina. Abarcando em uma lápide o que foi iniciado por uma crença bem localizada no tempo e espaço, passando pela atividade enquanto vivo de transformação social do espaço em prol do discurso médico e terminando na fragmentação do medo da morte, que se vê substituída pelos monumentos e pela memória dos vivos sobre os que foram vencidos pelo tempo, em caracteres de bronze para ostentar sua inviolabilidade, segue-se a informação:

Busto do Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, inaugurado em 22-02-1932, por iniciativa de seus amigos e com a participação popular sob os auspícios do Instituto Cultural do Oeste Potiguar fez-se a colocação desta lápide, em 28-08-58.

Ao humanitário médico e devotado homem público, filho do Ceará e grande benfeitor desta terra, a homenagem do governo do município e do povo, no centenário do seu nascimento. (ROSADO, 1999:81)

Toma forma o modo como os homens, no subterfúgio de enfrentar a morte de frente, conseguem ocupar lacunas deixadas pela desgraça que caracteriza o mal que não mais se personaliza, nem tem o mínimo de valor romântico no cotidiano dos vivos, mas promove valores a respeito das ações do indivíduo diante de tal situação.

## BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Phillippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Roger Zahar Editor, 2005.

CASTRO, Vanessa de. **Das Igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. Dissertação (Mestrado) IFCH-UNICAMP, Campinas. 2005

CATROGA, Fernando. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos**. Coimbra: Minerva, 1999.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia.das Letras, 1991

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Escóssia**. FVR/CM, 1998.

ROSADO, Tércio et al. **Conversa em tempo de mutirão sobre Francisco Pinheiro de Almeida Castro**. FVR/CM, 1999.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginário na História**. São Paulo: Ática, 1997.